

Discurso proferido pelo ex- Alferes Luís Fernandes Campos Nunes de Sousa perante as Forças Armadas Portuguesas reunidas em parada no Terreiro de Paço, em Lisboa, no dia 10 de Junho de 1968:

[...]

Proferiu este ano a tradicional alocução o aluno finalista de engenharia da Faculdade do Porto, Luís Fernandes Campos Nunes de Sousa, que cumpriu uma missão de serviço na Guiné, como alferes.

No seu discurso disse:

Cabe a um aluno da Universidade do Porto, que, como alferes, serviu na Guiné, a honrosa e grata missão de ser intérprete da Nação portuguesa no preito de agradecimento e homenagem que hoje rende às suas Forças Armadas.

«Tão honrosa incumbência constitui, no entanto, pesado encargo para quem, como eu, mais habituado á acção do que á oratória, não saberá decerto encontrar as palavras próprias para exaltar o esforço heroico da juventude portuguesa na defesa da integridade do solo pátrio, correspondendo plenamente e com a mais admirável simplicidade, aos enormes sacrifícios que lhe têm sido pedidos nas frentes em que foi chamada a bater-se.

«Com essa mesma admirável simplicidade estais vós aqui para receber esta homenagem, testemunho do justificado orgulho e inexecedível respeito de todos os portugueses, sejam quais forem as suas ideologias políticas ou credos religiosos, pelo que fizestes pelo País, em tudo digno da memória daqueles que, por lhe terem sacrificado a vida, ficaram para sempre presentes no nosso coração, animando-nos a prosseguir e dando-nos a certeza de vencer.

«O seu sacrifício e o vosso são o mais vivo exemplo do mesmo entranhado sentimento do que cada um deve á Nação e da mesma inflexível vontade de servir os valores que integram o ideal português, tão eloquente e constantemente comprovados ao longo de toda a nossa História. Quer na época das descobertas em que uma inquebrantável fé vencia obstáculos sem fim, - mares desconhecidos. Adamastores, Velhos do Restelo, desvairadas gentes e terras -; quer no período da Restauração em que mais do que a força das armas pôde o ânimo e a tenacidade dos portugueses; quer no século passado, o século de Mouzinho, de Paiva Couceiro, de Aires de Ornelas e de tantos outros de igual têmpera, que em feitos imorredoiros levaram às terras de Africa, a ordem e a paz; quer nos dias de hoje em que a juventude, deixando família, amigos, situações e carreiras, acorre á defesa da Pátria, sempre, em todas as circunstâncias, os portugueses souberam responder aos inimigos de Portugal com a afirmação entusiástica de um ideal que coloca acima dos interesses materiais os perenes valores do espírito.

«Portugal sustenta esta guerra não com intuítos de conquista ou de submissão das populações locais, mas na defesa firme das nossas fronteiras de África violadas por um ataque vindo do exterior, produto da inconsciência e do desvario que lavram pelo Mundo; e as Forças Armadas têm, por todos os meios, sabido salvaguardar os ideais de lusitanidade, fortalecendo cada vez mais os alicerces da Nação, assegurando e promovendo a fraternidade e comunhão das diferentes raças, a difusão da cultura e o progresso económico das diversas parcelas de Portugal.

«É evidente que a acção militar é fundamental na eliminação dos focos terroristas; é evidente que é sobretudo ela que explica e justifica a vossa presença aqui, por ter exigido de vós os mais penosos sacrifícios, em longas noites de vigília, em exaustivos patrulhamentos no mato traiçoeiro, sob chuvas tropicais ou calores tórridos em busca do inimigo. Nela se irmanam soldados metropolitanos ou nativos, os que vêm de parcelas distantes e os que lutam no próprio solo em que nasceram todos unidos na mesma força de ânimo em que se caldeia a sua juventude cada vez mais consciente dos grandes problemas nacionais, cada vez mais apta a continuar o caminho que conduz ao progresso e ao engrandecimento da Nação.

«Todos os sacrifícios feitos numa luta que já leva sete anos e que são o testemunho incontestável da nossa determinação e da nossa inquebrantável fé na vitória final, não bastariam, contudo, para vencer a guerra se as Forças Armadas limitassem a sua acção ao fogo das espingardas.